

Abril de 2017

O Amazônia FIA teve um desempenho positivo de +3,2% em abril. Desde o início do fundo, em setembro de 2012, acumulamos uma rentabilidade positiva de +38,8% enquanto o Ibovespa teve um desempenho positivo de +6,0% no mesmo período.

Recentemente, deparamo-nos com uma interessante entrevista com Seth Stephens-Davidowitz¹, *ex-data scientist* do Google e autor do livro “*Everybody Lies: Big Data, New Data, and What the Internet Can Tell Us About Who We Really Are*”. A premissa do livro é que, com base na quantidade imensa de informações que uma pessoa deixa na internet (pesquisas no Google e *posts* em redes sociais, por exemplo), é possível entender seu comportamento, suas crenças e até seus pensamentos mais obscuros, inclusive questões que ela própria se nega.

Segundo o autor, as pessoas não são 100% verdadeiras em pesquisas de opinião, nos *focus groups*, nem mesmo nas conversas entre amigos e na mesa de jantar da família. Por outro lado, somos sinceros com o Google – o que as pessoas pesquisam no Google durante a madrugada revela muito, já que é ao mecanismo de buscas que elas recorrem quando possuem alguma dúvida que tem vergonha de perguntar para outras pessoas, por mais próximas que sejam. Há um conforto (equivocado) no “anonimato” em perguntar ao Google.

Por exemplo, nos Estados Unidos, em pesquisas de opinião tradicionais, 2 a 3% da população identifica-se como homossexual, mas as pesquisas realizadas na internet em busca de “pornô gay” demonstram que a porcentagem da população homossexual do país, na realidade, se aproxima mais de 5%. Outro exemplo: Conforme uma pesquisa nacional realizada no mesmo país, pais disseram tratar e educar igualmente seus filhos e filhas (ou seja, sem distinguir a criação ou tratamento por causa do sexo da criança); entretanto, a análise das pesquisas no Google atesta algo muito diferente: Quando a busca começava com a frase “será que o meu filho é”, os termos mais comuns digitados em seguida eram “super dotado”, “gênio” e outras palavras correlatas, enquanto que, quando a busca começava com “será que a minha filha é”, os termos seguintes mais frequentes eram “gorda”, “acima do peso”, “feia” etc... É provável que os pais realmente acreditassem tratar os filhos igualmente, porém a análise de *big data* identificou que o Google pode saber mais dos seus defeitos e vieses de tratamento do que você mesmo.

A quantidade de informações pessoais e rastros deixados na internet é gigantesca e cresce a uma velocidade cada vez maior. Há um certo consenso em afirmar que este é o petróleo do nosso tempo – um precioso recurso bruto pronto a ser explorado e refinado. Todos os usuários aceitam obrigatoriamente essa condição, não há uma opção de pagar pelo e-mail ou para usar o Google e, dessa forma, não compartilhar as suas informações – ou você autoriza o uso delas, ou não utiliza as principais ferramentas e sites dos dias de hoje. Tudo é de “graça”.

Claro que este fluxo de informações traz incontáveis benefícios e possibilidades, já amplamente conhecidos e utilizados, como as publicidades direcionadas. Em contrapartida, como tudo nesta vida, surgem diversas preocupações, como as relacionadas ao poder de monopólio de poucas empresas e à questão ética e moral desta “falta de privacidade”.

No campo da competição, há um excessivo *network effect*, que induz a empresa líder a ser ainda mais líder². Quanto mais pessoas utilizam o Google, mais o Google conhece o comportamento dos seus usuários e melhor consegue entregar seus serviços, aumentando ainda mais o número de usuários e, conseqüentemente, ampliando a sua liderança. Um concorrente ou um novo entrante dificilmente terão acesso à quantidade de dados de que esta empresa já dispõe. É por essa e outras razões que o Google e o Facebook abocanharam praticamente todo o dinheiro gasto em publicidade digital nos Estados Unidos em 2016.

Além disso, as companhias líderes, com o caixa gordo e crescente, adquirem qualquer empresa que esteja crescendo muito rápido e que poderia ser um competidor forte no futuro. As aquisições do Instagram (US\$ 1 bilhão em 2012) e

¹ <http://www.npr.org/podcasts/510308/hidden-brain>: Episode 70: Who We Are At 2 A.M.

² <http://www.economist.com/news/leaders/21721656-data-economy-demands-new-approach-antitrust-rules-worlds-most-valuable-resource?fsrc=scn/fb/te/bl/ed/regulatingtheinternetgiantstheataconomydemandsanewapproachtoantitrust>

do Whatsapp (US\$ 19 bilhões em 2014) pelo Facebook são dois bons exemplos desse tipo de aquisição estratégica, ou seja, de eliminar a concorrência. Vale notar que ambas companhias não possuíam nenhum dólar de receita, quando adquiridas.

Do lado ético e moral, é de certa forma preocupante pensar no tamanho do poder detido por poucas empresas. Stephens-Davidowitz cita, por exemplo, que a análise das buscas realizadas na internet durante a última campanha eleitoral presidencial norte-americana poderia prever a vitória de Donald Trump. Ao ter o controle do *feed* de notícias dos usuários, uma empresa com esse poder poderia desequilibrar o jogo em uma eleição apertada.

O historiador e autor do best-seller “Sapiens” Yuval Harari, Bill Gates³ e o economista Robert Shiller⁴ são apenas alguns dos que já demonstraram preocupação com o futuro da inteligência artificial e o excesso de robotização da economia. Harari é um dos pensadores mais vocais sobre os possíveis aspectos negativos da inteligência artificial: *“I focus most of the time on the downside (of AI) because you hear so much about the upside...you don’t need another book to tell you how wonderful artificial intelligence and bioengineering will make our lives in the future...”*. É particularmente interessante notar que as preocupações levantadas não são feitas apenas por pessoas que vão perder os seus empregos ou pensadores retrógrados, mas de pessoas que nada se assemelham com o movimento luddista da Revolução Industrial.

De qualquer forma, talvez estejamos nos inquietando à toa no momento. Em entrevista, um ex-funcionário do Facebook, ao largar uma carreira promissora na rede social e fundar a sua própria empresa⁵, disse o seguinte: *“The best minds of my generation are thinking about how to make people click ads. That sucks”*. Aparentemente, por enquanto, feliz ou infelizmente, todo esse potencial transformador da inteligência artificial ainda está sendo utilizado apenas para nos manter mais tempo nas redes sociais e mais expostos a propagandas.

2 Abaixo estão nossa carteira atualizada e tabela de performance:

		Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Ano	Acumulado
2012	Fundo*									5,7%	1,8%	9,5%	3,9%	22,3%	22,3%
	Ibovespa									-4,1%	-3,6%	0,7%	6,1%	-1,2%	-1,2%
2013	Fundo*	0,6%	3,5%	6,9%	-4,2%	0,3%	-3,9%	-2,5%	-2,3%	5,8%	0,4%	-0,5%	-6,3%	-3,1%	18,5%
	Ibovespa	-2,0%	-3,9%	-1,9%	-0,8%	-4,3%	-11,3%	1,6%	3,7%	6,3%	2,0%	-3,3%	-1,9%	-15,5%	-16,5%
2014	Fundo	-4,0%	1,1%	7,0%	1,7%	-2,7%	-0,8%	-0,3%	4,5%	-3,9%	0,0%	-1,0%	-5,6%	-4,7%	12,9%
	Ibovespa	-7,5%	-1,1%	7,0%	3,6%	-1,9%	3,8%	5,0%	9,8%	-11,7%	0,9%	0,0%	-8,5%	-3,0%	-19,0%
2015	Fundo	-2,4%	4,4%	1,8%	0,5%	-5,4%	-0,7%	1,1%	-5,7%	1,3%	2,1%	0,9%	0,5%	-2,0%	10,6%
	Ibovespa	-6,2%	10,0%	-0,8%	9,9%	-6,2%	0,6%	-4,2%	-8,3%	-3,4%	1,8%	-1,6%	-3,9%	-13,3%	-29,8%
2016	Fundo	-2,1%	1,1%	4,4%	1,4%	-0,7%	0,4%	5,7%	0,2%	2,5%	3,0%	-2,0%	-0,6%	13,6%	25,7%
	Ibovespa	-6,8%	5,9%	17,0%	7,7%	-10,1%	6,3%	11,2%	1,0%	0,8%	11,2%	-4,6%	-2,7%	38,9%	-2,4%
2017	Fundo	2,6%	2,9%	1,4%	3,2%									10,4%	38,8%
	Ibovespa	7,4%	3,1%	-2,5%	0,6%									8,6%	6,0%

* Em maio de 2013, o fundo Terra Boa FIC FIA foi cindido dando origem ao fundo Amazônia FIC FIA. Os sócios da Amazônia participaram da gestão da estratégia durante todo o período, apesar de que mediante aos órgãos reguladores, são formalmente gestores do Amazônia FIC FIA apenas a partir de novembro de 2013, época em que o fundo foi transferido para Amazônia Capital.

³ <https://qz.com/911968/bill-gates-the-robot-that-takes-your-job-should-pay-taxes/>

⁴ <https://www.project-syndicate.org/commentary/temporary-robot-tax-finances-adjustment-by-robert-j--shiller-2017-03>

⁵ <https://www.bloomberg.com/news/articles/2017-05-04/google-and-facebook-s-idealistic-futures-are-built-on-ads>

Empresas	Valor de Mercado (R\$ mi)	Expectativa Lucro		P/L	ROE	Dividend Yield**	Participação na Carteira
		2017 (R\$ mi)					
Linx	3.066	140		21,9x	35%	2%	10%
Porto Seguro	9.295	1.020		9,1x	18%	4%	10%
SLC	1.957	150		13,0x	12%	4%	7%
Berkshire Hathaway	1.305.216	62.200		21,0x	11%	0%	6%
São Carlos	1.905	85		22,4x	30%	2%	6%
Ambev	297.063	13.091		22,7x	30%	2%	5%
Wilson Sons	2.632	287		9,2x	20%	4%	5%
IBM	450.172	40.119		11,2x	72%	4%	4%
Outros							45%
Caixa							2%
Média - Carteira				16,2x	26%	3%	
Mediana - Bolsa Brasileira*				14,6x	14%	2%	

* universo de 122 companhias abertas com liquidez acima de 500 mil reais/dia

** considerando recompra de ações

Um grande abraço,

3 Diogo e Helio